

## Da Cultura Popular. O Folclore.

### Emanuel Sancho (\*)

Numa perspectiva moderna, registar e, dessa maneira, capturar a tradição é um fenómeno recente que surgiu após a Revolução Francesa. O Romantismo proporcionou a publicação por Almeida Garrett do seu “Romanceiro e Cancioneiro Geral” (Lisboa, 1843). Na nossa região, “O Romanceiro do Algarve” (Lisboa, 1870), foi colectado parcialmente e organizado pelo taviense Estácio da Veiga.

É em 1938, no “consulado” de António Ferro, que encontramos o momento fundamental para explicar o fenómeno do movimento folclórico em Portugal. O concurso da “Aldeia mais Portuguesa de Portugal” origina uma corrida às tradições: a música, o canto, a dança, o traje, os instrumentos musicais, etc, constituíam os elementos de avaliação de uma competição que bebia a ideologia do Estado Novo: um país rural, nacionalista, fechado ao exterior. O rancho folclórico, instrumento fulcral do concurso, socorreu-se da memória dos mais velhos e das roupas ainda guardadas nos baús, o que o remeteu cronologicamente para a volta do século XIX ao XX. Os critérios terão sido moldados, menos pelo rigor histórico e mais pela doutrina política da época, através dos organismos criados para o efeito (SPN, SNI, FNAT). Não obstante, até Abril de 1974, o folclore nunca deixou de ser um instrumento do sistema.

Contava o Sr. José Vieira, fundador do Rancho Folclórico de Alte, que pelos anos 40 do século XX, o “seu” rancho fora convidado a participar num grande festival de folclore em Sevilha. Considerada uma representação importante, vieram uns senhores de Lisboa - artistas e decoradores - para preparar o grupo . Entre outras coisas baniram as peças de vestuário talhadas em tecidos de cores tristes e mandaram que se cozessem umas barras coloridas nas saias das raparigas.

Mais tarde, com a chegada do turismo, nos anos 60 do século XX, assistiu-se a um redobrar de actividade. Os directores dos hotéis exigiam mais colorido, mais alegria, mais velocidade no rodopio do corridinho. E escolhiam os mais exímios na “escovinha” preterindo os ranchos de menor espectacularidade. Explica-nos um ensaiador de rancho que, ainda hoje, leva-se a farda folclórica (com barras coloridas) para os hotéis mas para os festivais e concursos deve-se vestir a farda etnográfica (mais sóbria).

A opinião de Joaquim Pais de Brito é significativa: “Este modelo foi-se copiando. Estamos nisto há 80 anos. Assistiu-se à folclorização do próprio folclore, ou seja, à reelaboração, fixação, cristalização, sobretudo através dos ranchos, que passou a ser um pastiche de si mesmo. Hoje já não faz sentido falar de folclore.”

As tradições desenvolvem-se segundo mecanismos dinâmicos. Porque o enquadramento social se altera continuamente ao longo do tempo, as culturas seguem-lhe o mesmo caminho. Não é possível encontrar traços imutáveis na cultura popular. As pessoas não podem ficar indiferentes às alterações ecológicas, às migrações, à globalização, à política, à economia, à actual tendência de esbatimento das diferenças entre o urbano e o rural. A aceitarmos que os primeiros ranchos representaram o seu tempo com alguma veracidade, não é razoável supor que, prolongando até hoje a encenação das mesmas imagens, dos mesmos gestos e dos mesmos sons, se queira afirmar dessa maneira a identidade regional.

Ao considerarmos o espectáculo folclórico como uma representação histórica, o que seria uma solução desejável, este carece de um rigor nas suas componentes (indumentária, música, dança, coreografia), que não encontramos nos actuais ranchos. O isolamento a que estes se auto-votaram, demonstra receio em relação ao saber vindo de fora. Disciplinas de História da Moda, Dança Histórica, Etnologia, etc, poderiam aportar-lhe contributos de qualidade e renovação.

Não obstante, o folclore representa um caso interessante a vários níveis. No Algarve, os 34 Ranchos Folclóricos existentes, distribuídos por todo o Algarve com alguma predominância do Sotavento, representam uma força respeitável. Quase todos estão legalmente constituídos como associações sem fins lucrativos. Alguns possuem sede própria, espaços de convívio,

classes infantis, acervos históricos e até espaços visitáveis de tipo museológico. Quase todos têm assegurados os seus níveis mínimos de sustentabilidade financeira.

Com o associativismo em crise, os ranchos folclóricos apresentam-se como excepções, conseguindo preservar uma operacionalidade e uma capacidade organizativa e produtiva verdadeiramente notáveis. O “segredo” parece ser a paixão comum pelo folclore pois o “rancho é uma história social, uma família, onde as pessoas namoram, casam e visitam lugares desconhecidos”.

A função de representação identitária não é menos relevante. De facto, os ranchos folclóricos são utilizados como representantes oficiais do país ou região de onde são originários. Sendo esta uma prática muito comum no protocolo político, este papel deverá constituir para os ranchos uma responsabilidade que acarreta deveres de dignificação que não deverão ser assumidos de ânimo leve.

Ao nível da animação turística, factor tão importante na nossa região, os ranchos folclóricos são agentes culturais activos, promotores de dinamismo económico. Habituais prestadores de serviços de animação cultural ao sector turístico da região, constituem muitas vezes o único contacto do turista com o património cultural do Algarve.

As dificuldades na credibilização de um conceito desgastado, onde o termo “folclórico” num qualquer dicionário nos surge como sinónimo de “mau gosto, berrante, sem conteúdo” sugerem-nos a urgência de ser repensado todo o sistema desde a sua base. Os actuais grupos folclóricos deverão saber encontrar novos caminhos para o futuro, um novo discurso e conteúdos assentes na investigação científica.

**(\*) Director do Museu do Trajo de São Brás de Alportel. Membro da Direção da AGEAL**